

Concursos Docentes dizem que serão ultrapassados por outros, menos graduados, nos horários incompletos

Regra diferente revira a vida de professores



Rosário Gestosa acredita que, nas próximas listas, docentes com menor graduação ficarão nas vagas às quais concorreu

Alexandra Figueira
afigueira@jn.pt

► A avaliar pelos professores dos quadros do Estado que já aderiram a dois grupos de protesto no Facebook, serão mais de mil os que foram surpreendidos por uma nova regra do concurso de mobilidade interna deste ano, que acabou por os colocar a dezenas ou

centenas de quilómetros de casa, depois de anos de estabilidade. Sónia admite deixar a profissão, Mariana pôs de parte a ideia de ter um segundo filho e Rosário prepara-se para dormir fora de casa noite sim, noite não.

Todas são professoras de carreira, que conseguiram vincular num Quadro de Zona Pedagógica (QZP) longe do local onde vivem

e que há largos anos pediam – e conseguiram – ficar numa escola mais próxima de casa. Este ano, contavam que as regras se mantiriam mas, quando saíram os resultados do concurso da mobilidade interna, viram-se colocadas nos QZP onde tinham vinculado.

É que as vagas preenchidas na passada sexta-feira só dizem respeito a horários completos, quan-

o que está em causa:

Colocados longe de casa

• Para melhorar as condições dos contratados, o Governo e os parceiros acordaram em lançar, na primeira fase de concurso, só horários completos, disse Vítor Godinho, da FENPROF. A opção foi alargada ao concurso de mobilidade interna. Muitos docentes só ficavam perto de casa porque conseguiam “apanhar” horários incompletos.

Podem ser ultrapassados?

• “Não há ultrapassagens”, garante o ministério. FENPROF e professores discordam. Agora já estão colocados, pelo que, quando os horários incompletos forem lançados, serão dados a docentes menos graduados.

Ainda podem concorrer?

• Questionado sobre se estes professores podem tentar mudar de escola, no próximo ano letivo, o Ministério da Educação disse que “o concurso de mobilidade interna ocorre anualmente” e os docentes podem dizer onde preferem estar. Mas Vítor Godinho garantiu que a norma não se aplica aos colocados em concursos plurianuais, como os docentes cujas histórias podem ler neste trabalho e que foram colocados por quatro anos.

do muitos professores de carreira conseguiam a mobilidade, mas através de horários incompletos, em maior número.

“Continuo em choque”

Marta Alves é de Braga, mas tem de se apresentar no Alentejo, a sua 161.ª escolha, como noticiou ontem o JN. “Continuo em choque” dizia ontem.

Também ainda a discutir o que fazer estão Sónia Queirós e Rui Silva. O casal vive em São João da Madeira, mas já faz contas aos quilómetros: ela vai para Vila Franca de Xira (pertence ao QZP de Lisboa) e ele ainda será colocado algures no Norte litoral. Têm passado a vida separados. Ainda há pouco, Rui passou três anos na região de Lisboa, vinha a casa aos fins de semana. Depois, como Sónia sempre conseguiu mobilidade para perto de casa, tentou e conseguiu vincular no Norte. “Se soubéssemos que seria assim, teria tentado vincular em Lisboa”, garantiu Sónia. Agora, estão ambos nos quadros, separados por 300 quilómetros de distância.

Com dois filhos na primária, Rosário Gestosa é de São João da Madeira, mas tem de se apresentar em Almeida, a cujo QZP pertence. Para já, vai tentar regressar a casa dia sim, dia não, enquanto não sabe o resultado da permuta a que se candidatou. “Tive o cuidado de ir ao sindicato informar-me, saber se alguma coisa tinha mudado e disseram-me que estava tudo na mesma”, lamentou.

Já Mariana Lopes passará a viajar entre Santa Maria da Feira, onde vive, e São Pedro do Sul, onde vai trabalhar. Quando efetivou, durante três anos percorreu 300 quilómetros por dia, mas nos últimos anos pensava ter encontrado alguma estabilidade. Assim sendo, diz que vai voltar à estrada, ao ritmo de 160 km/dia. “Pelo menos enquanto aguentar”, disse. ●